

Revista
Brasileira de
**Linguística
Antropológica**

Volume 17 – 2025



UnB



e-ISSN: 2317-1375

Universidade de Brasília

Reitora

Rozana Reigota Naves

Vice-Reitor

Márcio Muniz de Farias

Decana de Pesquisa e Inovação

Renata Aquino

Diretora do Instituto de Letras

Gladys Quevedo Camargo

Vice-Diretora do Instituto de Letras

Flávia de Oliveira Maia Pires

Diretora do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI)

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral

R454 Revista Brasileira de Linguística Antropológica / Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, Editora – v. 17 (2025) – Brasília, DF: Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2025.

Anual

e-ISSN: 2317-1375

Publicação *on-line*: <https://periodicos.unb.br/index.php/ling/>

1. Linguística antropológica. 2. Línguas e culturas indígenas – Américas. 3. Linguística histórica. 4. Tipologia linguística. I. Cabral, Ana Suelly Arruda Câmara.

CDU 81'27

<https://periodicos.unb.br/index.php/ling/>

Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI/IL-UnB)
Endereço: ICC Sul, sala BSS-234, Campus Universitário Darcy Ribeiro
CEP 70900-900, Brasília-DF, Brasil

Hãtxa Kuĩ e Yawanawá, uma apresentação dos Povos e Línguas

Hãtxa Kuĩ and Yawanawá, A Presentation of the Peoples and Their Languages

Amanda Milza Miranda Silva¹
ORCID: 0009-0000-4922-7255

Fábio Bonfim Duarte²
ORCID: 0000-0002-3009-7654

DOI: <https://doi.org/10.26512/rbla.v17i1.61005>

Recebido em outubro/2025 e aceito em dezembro/2025.

Resumo

Este artigo insere-se na perspectiva descritiva no que tange aos aspectos das gramáticas das línguas Yawanawá e Hãtxa Kuĩ, bem como também apresenta as questões etnográficas que circundam suas comunidades. A língua Yawanawá faz parte da família linguística Pano e seu povo habita a região do Rio Gregório, no Acre. Por sua vez, o Hãtxa Kuĩ, também chamado de Kaxinawá, é falado pela população de mesmo nome, que também vive no Estado do Acre. Dessa forma, buscou-se analisar os inventários morfossintáticos de ambas as línguas, a partir da morfologia pronominal, que as permitem ser agrupadas como parte da família Pano. Teve-se, como metodologia basilar, a análise de dados das teses de doutorado de Paula (2004) e Kaxinawá (2014) e da dissertação de mestrado de Camargo-Tavares (2013). De tal maneira, foram selecionadas sentenças com verbos de ação nas línguas, para que se pudesse aferir seus aspectos pronominais engatilhados. Ademais, é importante mencionar que o número de falantes estimados que ainda utilizam as línguas ameríndias em atividades cotidianas é extremamente reduzido, o que as coloca num quadro de vulnerabilidade linguística. Percebe-se que as línguas indígenas, apesar da riqueza e diversidade que apresentam, são pouco estudadas e sofrem com o risco

¹ Mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (POS LIN) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bolsista CAPES, (processo número 88887.136419/2025-00) - amandamiilza@gmail.com

² Professor Titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq - Nível 1D, processo número (311175/2021-0). Líder do Laboratório de Línguas Indígenas e Africanas (Laliafro) da Faculdade de Letras da UFMG. Membro do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (Poslin) da Faculdade de Letras da UFMG. Desenvolve o projeto de pesquisa Descrição, documentação, revitalização e análise teórica de línguas indígenas brasileiras e de línguas bantu. bonfimfabio316@gmail.com e www.lettras.ufmg.br/fbonfim

de desaparecimento devido à supressão de línguas majoritárias, como o português e o espanhol. O estudo dessas línguas minoritárias, portanto, é de suma importância para o resgate, a preservação e a divulgação linguística. Dessa maneira, o objetivo deste artigo é o de contribuir para a promoção linguística do Yawanawá e do Hãtxa Kuĩ, a partir da descrição e documentação dessas línguas. Ressalta-se, ainda, que, além do baixo número de falantes, existem poucos trabalhos sobre ambas as línguas, o que justifica a necessidade de estudos que analisam e descrevam suas gramáticas. Para tal, neste trabalho, teve-se como referencial teórico principal os textos de Loos (1999), Valenzuela (2003), Payne (1997) e Dixon (1994). Assim, aborda-se as características específicas que são compartilhadas entre as línguas da família linguística Pano. Por fim, espera-se que este artigo contribua para o fortalecimento linguístico de línguas ameríndias, a partir da descrição e análise de suas estruturas fonológicas e morfossintáticas.

Palavras-chave: Línguas indígenas; descrição gramatical; morfossintaxe.

Abstract

This paper offers a descriptive analysis of aspects of the Yawanawá and Hãtxa Kuĩ (Kaxinawá) grammars, as well as ethnographic issues concerning their communities. The Yawanawá language belongs to the Panoan family, and its speakers inhabit the region of the Gregório River, in the state of Acre, Brazil. Hãtxa Kuĩ, also known as Kaxinawá, is spoken by the Huni Kuĩ people, who also live in Acre. The study analyzes morphosyntactic inventories based on pronominal morphology, which supports the classification of both languages within the Panoan family. The analysis draws on data from Paula's (2004) and Kaxinawá's (2014) doctoral theses and Camargo-Tavares's (2013) master's dissertation. Methodologically, sentences containing action verbs were selected to examine their pronominal patterns. It is important to note that the estimated number of speakers who still use these Amerindian languages in daily life is extremely small, placing them in a situation of linguistic vulnerability. Despite their richness and diversity, indigenous languages remain understudied and face the risk of extinction due to the dominance of major languages such as Portuguese and Spanish. Studying these minority languages is therefore crucial for their revitalization, preservation, and dissemination. In addition to the reduced number of speakers, there are few linguistic studies dedicated to these languages, which highlights the need for further descriptive and analytical research. This work adopts as its main theoretical framework the studies by Loos (1999), Valenzuela (2003), Payne (1997), and Dixon (1994), addressing the specific features shared among Panoan languages. Finally, this article aims to support the linguistic strengthening of Amerindian languages through the description and analysis of their phonological and morphosyntactic structures, thereby contributing to their documentation and visibility.

Keywords: Indigenous languages; grammatical description; morphosyntax.

1. Introdução

Este artigo tem por objetivo apresentar um panorama geral das línguas Hãtxa Kuĩ e Yawanawá, no que tange seus aspectos etnográficos e linguísticos. Assim, a partir de uma abordagem comparativa, investiga-se a

cosmologia, em uma perspectiva etnográfica, desses povos em relação ao uso da língua materna em atividades diárias.

Ademais, como abordado por Payne (1997) e Dixon (1994), o aparato morfológico disponível em uma língua pode comprovar o grau de parentesco linguístico entre línguas irmãs. Dessa maneira, o recorte estabelecido na morfologia do Hãtxa Kuĩ e do Yawanawá foram os pronomes pessoais, uma vez que, por meio deles, é possível estabelecer uma relação de proximidade ainda mais pungente entre as línguas em questão.

Além disso, a necessidade de trabalhos descritivos e comparativos dessas duas línguas emerge a partir do fato de haver pouquíssimos estudos linguísticos que tenham em conta o Hãtxa Kuĩ e o Yawanawá. A investigação mais recente que tem como centro o Hãtxa Kuĩ é a tese de Kaxinawá (2014), enquanto que, no que tange o Yawanawá, tem-se a dissertação de Camargo-Tavares (2014). Vale mencionar que, neste artigo, levamos em consideração análises que investiguem fenômenos linguísticos nas línguas em questão. Em paralelo a isso, observa-se que o baixo número de falantes insere o Hãtxa Kuĩ e o Yawanawá em um panorama etnolinguístico vulnerável, ao passo que ambas as línguas estão lentamente deixando de ser transmitidas às gerações mais jovens. Esse processo se dá, dentre outros fatores, pela pressão social exercida por línguas majoritárias, como o português e o espanhol, na região. Dessa forma, a pouca quantidade de estudos voltados para essas línguas e o reduzido número de falantes são fatores motivadores para o movimento de descrição do Hãtxa Kuĩ e do Yawanawá, ao passo que eles são fundamentais para auxiliar nos processos de documentação e revitalização linguística.

Para além, é interessante mencionar que os principais referenciais teóricos se atrelam em Dixon (1994;1999), Rodrigues (1994) e Payne (1997). Já os dados basilares da análise foram retirados de Paula (2004), Camargo-Tavares (2013) e Kaxinawá (2014).

Por fim, mencionamos ainda que o artigo está estruturado em seis seções. A seção (2) apresenta a revisão de literatura. A seção (3) fornece o panorama teórico, enquanto a parte (4) discorre sobre a discussão metodológica. A seção (5), por sua vez, é focada na análise do corpus. Por fim, na seção (6), conclui-se o artigo.

2. Revisão de Literatura

O Hãtxa Kuĩ e o Yawanawá são línguas ameríndias faladas no Estado do Acre. Além disso, ambas integram a família linguística Pano, segundo Loos (1999). Nesse panorama, salienta-se que há trabalhos linguísticos que buscam documentar e analisar essas línguas, a partir de

aspectos fonológicos e morfossintáticos, por exemplo. Menciona-se que esses estudos são fundamentais no processo de fortalecimento linguístico, uma vez que auxiliam na preservação de línguas minoritárias.

2.1. A língua Yawanawá no panorama linguístico

A língua Yawanawá foi foco de alguns (poucos) trabalhos linguísticos ao longo das últimas décadas. Tanto a tese de Paula (2004) quanto a dissertação de Camargo-Tavares (2013) apresentam o inventário fonético da língua, a ordem de constituintes, dentre outras estruturas linguísticas internas do Yawanawá. Entretanto, ainda existe uma série de fenômenos, como uma revisão mais aprofundada do sistema de marcação de Caso ergativo, por exemplo, que precisam ser investigados na língua, para que se possa documentar de forma assertiva a gramática do Yawanawá.

2.2. A língua Hãtxa Kuĩ no panorama linguístico

O Hãtxa Kuĩ, conhecido também como Kaxinawá, por sua vez, teve parte de sua gramática documentada nos trabalhos de Camargo (2004) e Kaxinawá (2014). Assim, em Camargo (2004), analisou-se o sistema de pronomes pessoais e o comportamento ergativo da língua, com implicações para a sintaxe de argumentos verbais. Já a tese de Kaxinawá (2014) apresenta as classes de palavras na língua, além de haver um foco nas estruturas verbais e suas implicações sintáticas, como o sistema de marcação de Caso. Porém, assim como no Yawanawá, ainda são necessários mais trabalhos e, conseqüentemente, mais dados linguísticos para a documentação da língua Hãtxa Kuĩ.

2.3. O Hãtxa Kuĩ e o Yawanawá no panorama linguístico

Por fim, salienta-se que, além de trabalhos especificamente centrados no Hãtxa Kuĩ e no Yawanawá, há também estudos tipológicos que fortalecem a filiação linguística da família Pano. Nessa perspectiva, Loos (1999), por exemplo, realiza um agrupamento intensamente baseado em características puramente linguísticas, e não apenas geográficas.

Em suma, por mais que exista um conjunto de trabalhos que analise o Hãtxa Kuĩ e o Yawanawá, ainda existem lacunas, principalmente, em comparações diretas entre essas línguas. Dessa forma, fazem-se necessários trabalhos que forneçam uma análise linguística comparativa que, além de auxiliar no processo de preservação, também apresentem evidências que fortaleçam os trabalhos anteriores voltados para o agrupamento de línguas Pano. Reiteramos, portanto, que é essa lacuna comparativa que visamos sanar neste trabalho, como veremos nas seções subseqüentes.

3. Pressupostos Teóricos

Nesta seção, delimitamos o quadro teórico utilizado em prol de: (i) apresentar as correlações entre a cosmologia de um povo e sua língua e (ii) indicar como se dá o agrupamento linguístico das línguas da família Pano. Para isso, adotou-se uma perspectiva tipológica de análise, a partir da qual é possível estabelecer comparações e esmiuçar padrões linguísticos entre o Hãtxa Kuĩ e o Yawanawá. Assim, utilizou-se como base Dixon (1994) e Rodrigues (1994).

3.1. Língua e etnografia

Ao tratar de línguas minoritárias no Brasil, é necessário superar o imaginário popular segundo o qual a única língua falada no país é o português. Rodrigues (2019) estipula que, antes do intenso contato linguístico oriundo do processo colonizador que ocorreu no Brasil no século XV, havia mais de 1000 línguas indígenas sendo cotidianamente usadas no território brasileiro. Atualmente, “como hoje são faladas somente cerca de 180 línguas indígenas neste país, conclui-se que houve uma perda de cerca de 1000 línguas, ou seja, 85%, como consequência do encontro entre povos indígenas e os europeus e seus descendentes”, conforme menciona Rodrigues (2019:92). É nessa perspectiva que se insere a questão da diversidade linguística no Brasil.

A partir da assunção de que existem distintos povos e etnias indígenas brasileiras, neste artigo, adotaremos a hipótese segundo a qual a língua de um dado povo é determinante na constituição de sua identidade, cultura e cosmologia. Dessa forma,

Como todas as demais, as línguas dos povos indígenas do Brasil são inteiramente adequadas à plena expressão individual e social no meio físico e social em que tradicionalmente têm vivido esses povos. Embora diferentes, elas compartilham do que todas as quase seis mil línguas do mundo têm em comum: são manifestações da mesma capacidade de comunicar-se pela linguagem. Essa capacidade é uma qualidade desenvolvida pela espécie humana e se caracteriza por princípios e propriedades que, presentes em todo homem, facultam a qualquer criança desenvolver o domínio de qualquer língua, sempre que exposta ao contato com falantes dessa língua. (RODRIGUES, 1994, p. 17)

Nessa perspectiva, estabelece-se que existe um mecanismo linguístico que, em pleno funcionamento, é capaz de operar como sistema cultural, singular de cada povo. Dessa maneira, o conhecimento etnográfico

e cultural de uma comunidade indígena mostra-se relevante nos processos de descrição e análise de sua língua. Menciona-se, ainda, que lidar com essas línguas é, portanto, lidar com esses povos, que são notadamente distintos entre si, uma vez que existe uma diversidade de povos e línguas indígenas sendo faladas no Brasil.

A proposta que seguimos é a de apresentar algumas das manifestações culturais das comunidades Hâtxa Kuĩ e Yawanawá, para que seja possível assegurar como essas populações se relacionam com suas línguas maternas no seu uso cotidiano, como veremos na seção 5.

3.2. Perspectiva tipológica e agrupamento linguístico

A partir disso, salientamos que a perspectiva tipológica fornece o aparato teórico-metodológico mais adequado para a apresentação da língua Hâtxa Kuĩ e da língua Yawanawá e seu agrupamento na família Pano. Isso porque essa abordagem possibilita descrever e comparar padrões linguísticos a partir de características compartilhadas ou contrastantes. Dixon (1994), ao discutir a tipologia linguística, destaca que a comparação entre línguas deve ser orientada não apenas pela genealogia, mas também por regularidades estruturais que emergem em diferentes contextos. Nesse sentido, a análise tipológica permitiria identificar regularidades nos planos fonológico, morfológico e sintático, de modo a iluminar tanto as convergências quanto as especificidades que caracterizam o Hâtxa Kuĩ e o Yawanawá. Como será apresentado em seções subsequentes, essa abordagem, nos moldes de Payne (1997), oferece diretrizes para a descrição sistemática de morfossintaxe em línguas e seu agrupamento.

Dixon (1999) propõe que dizer que um conjunto de línguas é aparentado linguisticamente é também assumir que houve uma proto-língua comum a esse grupo e, para que se possa inferir as características dessa língua anterior, é necessário que se analise a composição linguística das línguas modernas que compõem esse grupo aparentado. O autor ainda advoga que é necessário demonstrar o parentesco genético entre línguas, que sejam ditas como da mesma família, a partir das mudanças regulares nos campos fonológicos, morfossintáticos, semânticos etc.³

Neste trabalho, portanto, apresentaremos o quadro pronominal

³ Do original de Dixon (1999:11), tem-se que “to say that a group of languages is genetically related (as a language family) is to say only one thing. It is to assert that they go back to a common ancestor, each having developed from this ‘proto-language’ by its own set of historical changes. Concordant with this, there is only one way to prove that a group of languages is genetically related. This is to propose what the proto-language was like (in some detail) and to describe how each of the modern languages developed, by systematic changes, from this common ancestor”.

do Hãtxa Kuĩ e do Yawanawá, visando uma proposta de fortalecimento dessas línguas como membros da família linguística Pano na literatura técnica. Dessa maneira, buscou-se explicar a perspectiva tipológica pois ela é fundamental num agrupamento de línguas, uma vez que leva em consideração fatores intrinsecamente linguísticos em sua abordagem, assim como apresentado por Loos (1999) no célebre capítulo em que apresenta o agrupamento da família Pano.

Ademais, salientamos que o viés tipológico de análise foi eleito para a discussão das línguas neste artigo, uma vez que ele foi amplamente adotado na literatura na formação da família Pano. Veremos mais detalhadamente, nas seções seguintes, como Loos (1999) e Valenzuela (2003) propõem esse tipo de agrupamento.

Por fim, a seção a seguir objetiva apresentar a metodologia de análise empregada neste artigo.

4. Discussão Metodológica

Esta seção apresenta a metodologia utilizada ao longo do trabalho. Ao ter em conta o objetivo de estabelecer uma comparação direta entre as línguas Hãtxa Kuĩ e Yawanawá, a partir de uma análise tipológica, investigamos os seus usos em comunidade e selecionamos verbos de ação em ambas as línguas. Dessa forma, como mencionado na seção dos Pressupostos Teóricos, há uma preocupação em mapear o uso dessas línguas nativas em situações cotidianas, além de averiguar sua proximidade linguística, enquanto integrantes da família Pano.

Para isso, no que tange à língua Yawanawá, averiguamos a tese de doutorado de Paula (2004) e a dissertação de Camargo-Tavares (2013). Assim, buscamos aferir o número de falantes, a distribuição das aldeias e como essa comunidade se relaciona com a língua nativa brasileira. Além disso, no que diz respeito à análise linguística tipológica, que permite estabelecermos um laço estreito entre as duas línguas, também foram retirados dados dos trabalhos mencionados. Vale salientar que o recorte escolhido – os verbos de ação – é oriundo do fato de esse escopo compor um número relativamente maior de dados do que verbos de outras naturezas, o que pode auxiliar na elaboração de hipóteses mais robustas⁴.

⁴ Neste artigo, chamamos de verbos de ação aqueles que se opõem aos verbos psicológicos. Assim, os verbos de ação, aqui considerados, são aqueles que, segundo Cançado (2012:12), “têm um agente implícito em seu sentido, ou em outros termos, verbos estritamente agentivos. Além disso, esses verbos têm uma estrutura de eventos complexa, composta por dois subeventos relacionados por uma causação. O primeiro subevento é a ação do agente e o segundo subevento denota um resultado.”

Já em relação à língua Hãtxa Kuĩ, a principal fonte de análise foi a tese de doutorado de Kaxinawá (2014). Dessa maneira, assim como na língua Yawanawá, focou-se em estabelecer qual a relação entre a língua e sua comunidade: quantos falantes são estimados, onde se localizam as principais aldeias e como a língua interfere (ou não) na cosmologia desse povo. Ademais, a parte voltada para a tipologia linguística também contou com os verbos de ação na língua Hãtxa Kuĩ, uma vez que esta foi a delimitação metodológica utilizada com a outra língua em questão.

É interessante lembrar que recorremos a dados retirados dos poucos trabalhos linguísticos realizados com o Hãtxa Kuĩ e o Yawanawá. O que torna a natureza deste trabalho qualitativa. Esse panorama ressalta a necessidade constante de mais trabalhos voltados para as línguas ameríndias brasileiras, uma vez que uma boa parte delas enfrenta risco de iminente extinção, conforme já salientado nas seções anteriores.

Por fim, mencionamos que, devido à limitação de dados disponíveis no que tange à semântica dos verbos, foram selecionadas sentenças com os verbos: “correr”; “ir/vir”; “bater”; “cair” e “nadar”. A escolha desses elementos específicos se deu por conta de haver exemplos com sujeitos de natureza pronominais em estruturas com esses termos em ambas as línguas, o que torna a comparação entre elas mais acurada. Assim, serão observadas questões como o ordenamento argumental do Hãtxa Kuĩ e do Yawanawá e suas estruturas pronominais.

Salientamos que, como na literatura linguística não foram estabelecidos distintos dialetos tanto da língua Hãtxa Kuĩ quanto da língua Yawanawá, trabalharemos com a variação apresentadas nos estudos de Paula (2004); Camargo-Tavares (2013) e Kaxinawá (2014). Isso implica assumir que levaremos em conta as variedades dominantes expostas nesse recorte e, portanto, não trataremos da variação intralinguística dentro de cada língua. Aponta-se que essa é uma lacuna passível de análise na descrição de ambas as línguas, em discussões futuras.

Por último, a próxima seção visa a discussão dos dados levantados, a partir do recorte metodológico delimitado nesta parte.

5. Análise do Corpus

Esta seção é voltada para a apresentação da análise do corpus, no que diz respeito às questões etnolinguísticas e ao agrupamento das línguas Hãtxa Kuĩ e Yawanawá como parte da família Pano. Vejamos como as comunidades se relacionam com suas línguas nativas, além de aferir suas morfologias pronominais.

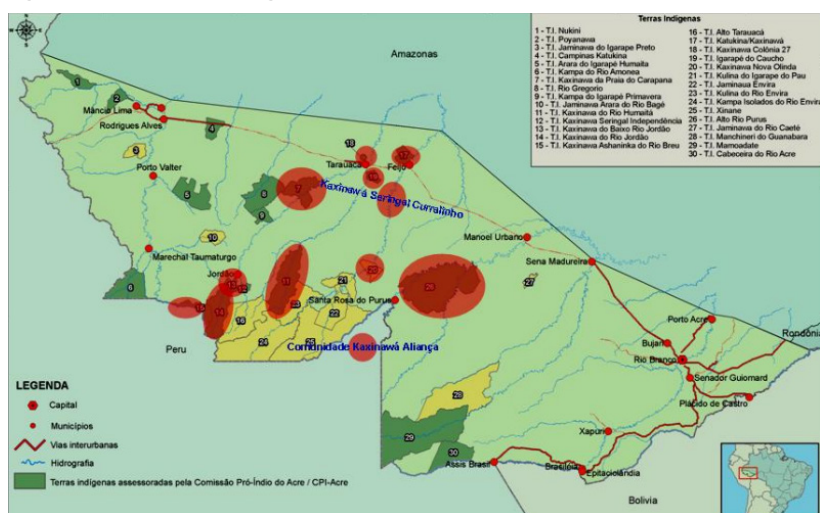
5.1 Aspectos da cosmologia Huni Kuĩ

O Hãtxa Kuĩ, consoante a Kaxinawá (2014), é a língua falada pelo povo auto-denominado Huni Kuĩ, em tradução literal ‘gente verdadeira’. Os Huni Kuĩ se referem aos outros povos falantes de línguas Pano como *nuku besta* que significa ‘nosso outro’ ou ‘nosso irmão’. Por um outro lado, a terminologia para a comunidade não indígena é *raku nawá*⁵.

Ao longo da história, os Huni Kuĩ ficaram conhecidos principalmente como *Kaxi nawá* ‘povo morcego’. Essa etimologia faz referência a noção de que esse era um povo que consumia carne humana, assim como os morcegos que sugavam o sangue dos seres humanos. É importante mencionar que a comunidade se auto-nomeia Huni Kuĩ, dentre outros fatores, para se distanciar dessa perspectiva pejorativa atrelada ao nome Kaxinawá.

Ainda na perspectiva de Kaxinawá (2014), durante mais de duzentos anos de contato com comunidades externas, o povo Huni Kuĩ foi reduzido e a transmissão da língua foi intensamente reprimida. Assim, os Huni Kuĩ encontram-se distribuídos em 11 Terras Indígenas no Estado do Acre, sendo que, em seis delas, onde o contato com os não indígenas foi massivo e opressivo, apenas os mais velhos ainda falam a língua Hãtxa Kuĩ. As outras comunidades diariamente se esforçam para manter vivo o uso da língua, o que é fortalecido principalmente por meio da rede educacional das aldeias e dos rituais específicos ligados ao povo. O mapa a seguir evidencia as Terras Indígenas dos Huni Kuĩ.

Figura 01: Terras Indígenas Huni Kuĩ, marcadas em balões vermelhos



Fonte: Adaptado de Kaxinawá, 2014.

⁵ Ainda segundo Kaxinawá (2014), a expressão significa ‘povo vestido’.

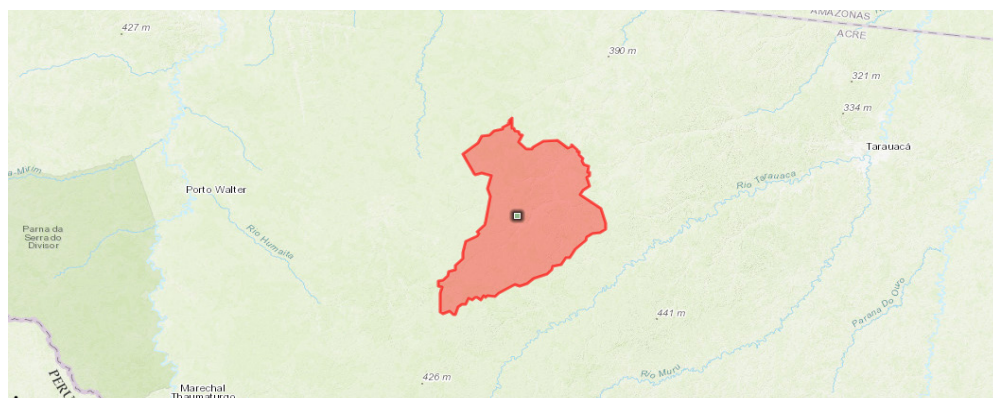
O linguista ainda menciona que as Terras Indígenas em que a maioria dos habitantes é também falante de Hãtxa Kuĩ são Rio Jordão (2.419 pessoas); Seringal Independência (515 pessoas); Rio Breu (554 pessoas); Alto Purus (2.837 pessoas) e Carapanã (602 pessoas), o que totaliza 6.927 indivíduos. Vale ressaltar que, por mais que essa amostragem apresente o número de habitantes das terras, esses números não elucidam de forma exata a relação habitantes X falantes nativos, o que torna esses dados aproximados, e não certos sobre o número de falantes.

5.2 Aspectos da cosmologia Yawanawá

Segundo Camargo-Tavares (2013:25), a Terra Indígena Rio Gregório, parcialmente demarcada em 1983 e homologada em 1991, é habitada pelos povos Yawanawá e Katukina-Pano. Devido aos processos legislativos vigentes na época, a situação da demarcação e da homologação da terra foi preocupante para as comunidades que vivem no território, uma vez que havia parte desse que aguardava decisão judicial para demarcação.

Dessa forma, foi apenas em setembro de 2023 que a comunidade indígena teve a sua terra oficialmente demarcada. Ou seja, o período de oficialização da Terra Indígena, que confere maior segurança à comunidade, levou mais de 40 anos. O mapa arrolado abaixo apresenta a localização do povo Yawanawá no Estado do Acre

Figura 02: Mapa da Terra Indígena Rio Gregório



Fonte: ISA, 2025.

Para além, tem-se que levar em conta a organização interna da comunidade Yawanawá, que, assim como os Huni Kuĩ, procura utilizar a língua nativa no que tange, principalmente, os rituais tradicionais. Assim,

A comunidade Yawanawá se distribui em sete aldeias, sendo que ainda há algumas famílias em municípios próximos à área indígena, como Tarauacá, Feijó, Sena Madureira, Cruzeiro do Sul e Rio Branco. As aldeias do Povo Yawanawá são: Matinxã, Amparo, Sete Estrelas, Tibúrcio, Escondido, Mutum e Nova Esperança, as duas últimas são as maiores aldeias da comunidade. Dessa forma, Mutum tem como aliadas políticas cinco das aldeias menores, ao passo que Nova Esperança, onde se concentra cerca da metade da população, tem como aliada a aldeia de Amparo. Ademais, a Cooperativa Yawanawá (COOPYAWA), ramificação da Organização dos Agricultores e Extrativistas Yawanawá do Rio Gregório (OAEYRG), é a associação indígena que representa a aldeia Nova Esperança e sua aliada. Mutum e as outras aldeias são representadas pela Associação Sociocultural Yawanawá (ASCY). (Duarte & Milza, 2024, p. 134)

Mencionamos ainda que, na estrutura político-social, os caciques estão intimamente ligados aos processos de articulação de questões políticas internas ao povo, além de desenvolverem relações externas à comunidade. Dessa maneira, há uma valorização do turismo local, em prol do desenvolvimento econômico da região. Isso se dá por meio da união entre os responsáveis pelas aldeias, o governo do Estado e algumas empresas privadas.

Ademais, Camargo-Tavares (2013:38) afirma que “em janeiro de 2010, foram contabilizados 565 indivíduos habitando a Terra Indígena Rio Gregório, sendo que, destes, apenas 160 utilizam a língua de forma ativa na vida diária da comunidade”. Além disso, nota-se que a língua Yawanawá é cada vez menos transmitida às gerações mais jovens, devido a fatores extralinguísticos como: a pressão da língua portuguesa, o declínio da economia de extração de borracha e as instalações de escolas pelos missionários evangélicos. A combinação dessas condições tem produzido uma situação sociolinguística que põe a língua Yawanawá em sério risco de desaparecimento, visto o número muito reduzido de falantes. Em conformidade com o censo do IBGE (2022), a população total da comunidade é composta por 960 indígenas atualmente, o que representa um aumento demográfico do povo, uma vez que Paula (2004) assume que havia cerca de 500 habitantes na época. Entretanto, esse aumento populacional não implica necessariamente em um aumento no número de falantes da língua, uma vez que não houve trabalhos de cunho linguístico realizados nas aldeias nos últimos doze anos.

5.3 A família Pano

Dixon (1999:11) propõe que assumir uma relação genética entre duas ou mais línguas implica dizer que elas possuem uma dada língua ancestral comum. Nessa perspectiva, tem-se que, a partir de uma proto-língua, as línguas modernas sofrem mudanças sistemáticas que as distingue. Assim, segundo o linguista, essa relação genética entre línguas deve ser demonstrada, tendo em conta as mudanças regulares que cada uma delas apresenta em detrimento da língua ancestral. Isso pode ser aferido por meio da análise da fonologia, da morfologia verbo-nominal; do *set* pronominal; da marcação de negação; bem como por meio de lexema.

Seguindo essa abordagem, as línguas da família linguística Pano constituem o *Proto-Pano* no rol da literatura técnica. A tese de doutorado de Oliveira (2014) propõe contribuições para a reconstrução da proto-língua tendo como bases o método histórico-comparativo e a análise morfofonológica de 18⁶ das 30 línguas da família Pano.

É amplamente mencionado, nos trabalhos voltados para as línguas Pano, que o marco inaugural das classificações dessas línguas se deu com Raoul de la Grasserie (1890). Essa assunção parte do fato desse ser o primeiro trabalho a reunir dados que confirmassem a filiação genética das línguas em questão. Consoante a Oliveira (2014:44), “além dessa obra, integram o conjunto de obras pioneiras sobre a família Pano os estudos de Brinton (1891), Rivet (1910), Crequi-Monfort e Rivet (1913), Rivet e Tastevin (1927), Mason (1950) e Olive Shell (1975 [1965])”. Na construção deste artigo, levamos em consideração a classificação e subdivisão interna da família propostas por Loos (1999), uma vez que este é um estudo tipológico puramente linguístico, que leva em consideração as questões estruturais das línguas.

Loos (1999) assume que a família Pano é composta por cerca de 30 línguas. É complexo mensurar o número exato de línguas que compõem a família, uma vez que há certo debate técnico no que tange às relações entre línguas e dialetos, além de uma parte significativa dessas línguas estarem, infelizmente, em um constante estado de desaparecimento. Nessa perspectiva, o linguista propõe uma subdivisão desse agrupamento, levando em consideração (i) características morfofonológicas e (ii) um número limitado de lexemas/vocabulário. A subclassificação do autor se dá conforme o apresentado a seguir:

⁶ As línguas analisadas no trabalho de reconstrução, proposto por Oliveira (2014), foram: Amawáka; Chacobo; Chaniwa; Kaxibo; Kapanáwa; Katukina; Kaxarari; Kaxinawá; Korubo; Marubo; Matis; Mayoruna; Poyanawa; Shanenawa; Sharanawa; Shipibo-Konibo; Yaminawa e Yawanawá.

Tabela 01: A família Pano

Subgrupo Yaminawa
1. Yaminawa - 500, Peru e Brasil 2. Amawaca - 200, Peru 3. Kaxinawá/ Hãtxa Kuĩ - 500, Peru e Brasil 4. Sharanawa/Shanindawa/Chandinawa/Inonawa/Marinawa - 300, Peru 5. Yawanawá - 200, Brasil 6. Chitonawa - 35, Peru 7. Yoranawa/Nawa/Parquenawa - 200, Peru 8. Moronawa - 300, Brasil 9. Mastanawa - 100, Peru
Subgrupo Chacobo
10. Chacobo - 400, Bolívia 11. † Arazaire, Peru 12. † Atsawaca, Peru 13. † Yamiaka, Peru 14. Katukina/Camannawa/Waninnawa - 300, Brasil 15. Pacawara - 12, Bolívia
Subgrupo Capanawa
16. Capanawa/Pahenbakebo - 400, Peru 17. Shipibo/Conibo/Xetebo - 8.000, Peru 18. † Remo - Brasil 19. Marubo - 400, Brasil 20. † Wariapano/Panobo/Pano, Peru 21. Isconawa - 30, Peru 22. † Canamari/Taveri/Matoinahã, Brasil
Línguas não-agrupadas
23. Cashibo/Cacataibo/Comabo - 100, Peru 24. † Culino - Brasil 25. † Karipuná - Brasil 26. Kaxariri - 100, Brasil 27. Matses/Mayoruna - 2.000 - Peru, Brasil 28. † Nokamán, Brasil 29. † Poyanáwa, Brasil 30. † Tutxinawa, Brasil

Fonte: Adaptado de Loos (1999)

Na tabela acima, há o número aproximado de falantes de cada língua – conforme mapeado pelo linguista – e o país em que elas são faladas. Como observado, a família se dispersa na Bolívia, no Brasil e no Peru. Loos (1999) ainda adiciona que Raoul de la Grasserie (1890) nomeou a família como Pano por conta da língua Wariapano, antes falada no Peru. Ademais, salientamos que as línguas extintas são aquelas cujos os nomes são precedidos pelo símbolo †.

Outra classificação interna da família Pano que se pode ter em consideração, é aquela proposta por Valenzuela (2003). Isso porque, segundo a autora, apenas Shell (1975) apresenta uma subclassificação da família a partir do método comparativo e com dados que foram disponibilizados. Tendo isso em conta, a linguista propõe um subagrupamento em que há um balanço entre as principais propostas anteriores, principalmente D’Ans (1973), Shell (1975) e Loos (1999). Dessa forma, chega-se aos grupos: Ucayali, Purus, Southern, Southwestern, Northern e Western ou Preandine, o que gera a relação demonstrada na tabela a seguir:

Tabela 02: As diferentes classificações dentro da família Pano

D’Ans	Loos	Valenzuela
De las Cabeceras	Yaminawa	Purus
Beniano	Chakobo	Southern
Ucayalino	Kapanahua	Ucayali
Del Norte	Línguas não-agrupadas	Northern
Preandino	Línguas não-agrupadas	Western/Preandine
Not listed	Chakobo	Southwestern

Fonte: Valenzuela (2003).

Por fim, mencionamos que a proposta de Valenzuela (2003) leva em consideração, principalmente, características fonológicas compartilhadas entre as línguas classificadas e procura equilibrar a proposta comparativa de Loos (1999) e a perspectiva léxico-estatística de D’Ans (1973). Neste trabalho, por uma questão de economia, apresentamos ao leitor apenas essas duas subclassificações, mas é importante atentar-se ao fato de que existe uma diversidade de propostas na literatura técnica, no que diz respeito aos agrupamentos da família Pano.

5.4 O Hãtxa Kuĩ e o Yawanwá na família Pano

Como mencionado nas seções anteriores, este trabalho tem por objetivo (i) aferir os usos das línguas Hãtxa Kuĩ e Yawanawá em suas

respectivas comunidades linguísticas e (ii) analisar a proximidade das duas línguas a partir de seus aparatos linguísticos. As seções 5.1 e 5.2 cobriram o primeiro ponto. Nesta seção, trataremos, portanto, do segundo.

Dessa maneira, segundo Payne (1997), a morfologia tipológica pode ser uma ferramenta para analisar as estruturas de uma língua. Assim, essa abordagem permite com que se faça previsões a respeito de dadas características linguísticas acionadas pelas línguas, neste caso, características morfológicas⁷. Essa assunção justifica a escolha de observar os dados no que tange não apenas a morfologia engatilhada, mas também nos licencia a comparar essas características do Hãtxa Kuĩ e do Yawanwá. Neste artigo, optamos por averiguar a morfologia dos pronomes pessoais para a comparação de um segmento da morfologia dessas línguas.

Nessa perspectiva, observemos os dados demonstrados abaixo:

Hãtxa Kuĩ

Verbos transitivos

- (1) *i-n* *mi-a* *kufa* *mis* *ki*
1.NOM 2.ACC bater HAB DECL.1
'Eu costumo bater em você.'

KAXINAWÁ, 2014:144

- (2) *mi-n* *i-a* *kufa* *mis* *ki*
2.NOM 1.ACC bater HAB DECL.1
'Você costuma me bater.'

KAXINAWÁ, 2014:144

- (3) *nu-n* *nami* *pi* *a* *i*
1.pl.NOM carne comer EST IMPERF
'Nós estamos comendo carne.'

KAXINAWÁ, 2014: 143

Yawanawá

Verbos transitivos

- (4) *i-n* *mi-a* *kux-a*
1S-ERG 2S-ACC bater-PRF
'Eu bati em você.'

CAMARGO-TAVARES, 2013:94

⁷ Do original de Payne (1997: 27), tem-se que “the value of a typology to those who study natural phenomena, such as language, is dependent on the extent to which the proposed typology makes predictions regarding important characteristics of the individuals represented by types”.

- (5) *Mi-n i-a kux-a*
 2S-ERG 1S-ACC bater-PRF
 ‘Você bateu em mim.’

CAMARGO-TAVARES, 2013:94

- (6) *nun-n atsa-ø pi-ø*
 1p-ERG macaxeira-ABS comer-N.PAS
 ‘Nós comemos macaxeira.’

PAULA, 2004:123

Hãtxa Kuĩ

Verbos intransitivos

- (7) *i-n kufi ma xu ki*
 1.NOM correr fazer RECR.1 DECL.1
 ‘Eu fiz ele correr.’

KAXINAWÁ, 2014: 129

- (8) *nafi i-n nuna mis ki*
 banhar 1-NOM nadar HAB DECL.1
 ‘Eu tomo banho e nado.’

KAXINAWÁ, 2014:177

- (9) *mi-n cidade anu ka i*
 2.NOM cidade LOC ir IMPERF
 ‘Você vai na cidade.’

KAXINAWÁ, 2014:128

- (10) *ha-ø tin fian*
 3.ABS cair RLZD.2
 ‘Ele caiu’

KAXINAWÁ, 2014:145

Yawanawá

Verbos intransitivos

- (11) *i-n tfai itfu-a*
 1p-ERG longe correr-PAS
 ‘Eu corri para longe.’

PAULA, 2014: 193

- (12) *mi-n itfa-pa tupin-tiru*
 2s-ERG muito-ENF nadar-AF
 ‘Você nada muito.’

PAULA, 2014: 194

- (13) *i-n nuku-a*
 1s-NOM chegar-PRF
 ‘Eu cheguei.’

CAMARGO-TAVARES, 2013:95

- (14) *a-ø paki-a*
 ele-ABS cair-PAS
 ‘Ele caiu.’

PAULA, 2014: 206

A partir dos conjuntos de dados acima, a primeira semelhança entre as línguas que chamamos atenção é em relação ao ordenamento dos constituintes em sentenças transitivas. De tal sorte, tanto em Hãtxa Kuĩ quanto em Yawanawá, a ordem básica dos elementos é AOV⁸. Ademais, as sentenças intransitivas comportam-se como SV.

Além disso, é também interessante observar as convergências morfológicas que, conforme Payne (1997) e Dixon (1994), podem funcionar como fortes evidências para justificar o parentesco linguístico do Hãtxa Kuĩ e do Yawanawá. Assim, o quadro pronominal das línguas é morfológicamente semelhante, como se observa nos dados, principalmente no que tange a primeira e a segunda pessoa do singular. Comparemos as tabelas a seguir

Tabela 03: Os pronomes pessoais em Hãtxa Kuĩ

	Singular	Plural	
		sujeito	objeto
1ª pessoa	i	nu	nuku
2ª pessoa	mi	ma	matu

3ª pessoa sujeito	-	-	
3ª pessoa objeto	-	hatu	
		ha-bu	

Fonte: Peixoto, 2011

⁸ Assumimos, neste artigo, a proposta de Dixon (1979, 1994), conforme a qual o argumento que tende a corresponder ao agente de um verbo transitivo de ação será referido como (A). Já o objeto direto que recebe o papel temático de paciente/afetado/tema do verbo transitivo receberá o rótulo (O). Por outro lado, o sujeito do verbo intransitivo será codificado pelo rótulo (S).

Tabela 04: Os pronomes pessoais em Yawanawá

	Sujeito intransitivo	Sujeito transitivo	Objeto
1s	i-n	i-n	i-a
2s	mi-n	mi-n	mi-a
3s	a	atu-n	a
1p	nu-n	nu-n	nukĩ
2p	matu-n	matu-n	matu
3p	atu	atu-n	atu

Fonte: Bonfim e Milza, 2024

Ao ter em conta as tabelas 03 e 04 e os dados até aqui arrolados, pode-se averiguar a proximidade linguística na estrutura pronominal de ambas as línguas. De tal sorte que os pronomes de primeira pessoa singular são, nessas línguas, {i-} e {mi-}. De igual forma, a primeira pessoa plural também pode ser morfológicamente idêntica ao ser realizada por {nu-} e {matu-}, a depender da posição sintática na sentença.

Entretanto, é válido mencionar que há uma série de divergências linguísticas, ao passo que se tem duas línguas distintas. A critério de exemplo, reforçamos a questão das formas da terceira pessoa, uma vez que, segundo Kaxinawá (2014), o Hâtxa Kuĩ não apresenta morfologia para essa pessoa do discurso⁹, o que distingue do padrão estabelecido em Yawanawá.

5. Considerações Finais

Com este artigo, procuramos fazer uma apresentação geral dos povos e das línguas Hâtxa Kuĩ e Yawanawá. A partir desse ponto, houve um enfoque nas questões etnossociais que envolvem essas duas comunidades, além de uma comparação linguística a partir do recorte, principalmente, da morfologia pronominal. Assim, esperamos contribuir para o processo de descrição e documentação de ambas as línguas e enriquecer o cenário da análise de línguas ameríndias no rol da literatura técnica.

Por último, é de extrema importância salientar que este é um trabalho comparativo preliminar entre as duas línguas. Dessa maneira, além da morfologia pronominal, há ainda uma série de fenômenos linguísticos que necessitam de análise para que se possa estreitar o parentesco genético entre

⁹ Kaxinawá (2014:164) propõe que “Hâtxa Kuĩ não tem pronomes de terceira pessoa. Funcionam como coringas os demonstrativos. Esses distinguem quatro graus de distância relativa ao falante e ao ouvinte, próximo do falante, próximo do ouvinte, longe do falante e do ouvinte, mas visível para o falante, e muito longe do falante e do ouvinte, mas visível para o falante. Os demonstrativos se combinam com os mesmos casos que os nomes.”

o Hãtxa Kuĩ e o Yawanawá. Por um exemplo, urge a observação das estruturas causativas, anti-causativas, aplicativas, bem como o refinamento dos sistemas de alinhamento e de Caso em ambas as línguas. Nessa perspectiva, reforçamos que os esforços para a descrição de línguas minoritárias é constante e, como trabalhado ao longo deste artigo, fundamentalmente necessário para auxiliar no seu fortalecimento linguístico.

Lista de abreviaturas

1	primeira pessoa do singular
2	segunda pessoa do singular
ABS	absolutivo
ACC	acusativo
AF	ação finalizada
DECL.1	modo declarativo de conteúdos informacionais realizados
ENF	ênfase
ERG	ergativo
ES	estativo
HAB	habitual
IMPERF	imperfectivo
LOC	locativo
N.PAS	não passado
NOM	nominativo
PAS	passado
PRF	perfectivo
RECR.1	passado anterior ao momento da fala

Referências

- BONFIM Duarte, F., & MILZA Miranda Silva, A. (2024). De que se trata a ergatividade cindida em Yawanawá?. *Revista Brasileira De Linguística Antropológica*, 16(1), 131–167. <https://doi.org/10.26512/rbla.v16i1.55784>
- CAMARGO-TAVARES, Livia. *Fonologia, Morfologia e Sintaxe das Expressões Nominais em Yawanawá (Pano)*. 2013. Tese de Doutorado. Tesis de maestría en lingüística. Río de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Cançado, Márcia, and Luisa Godoy. “Representação lexical de classes verbais do PB.” *Alfa: Revista de Linguística* (São José do Rio Preto) 56 (2012): 109-135.

- DIXON, R. M. W. *Ergativity*. p.: 77 - 109. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1994.
- DIXON, Robert MW; AĬKHENVAL'D, Aleksandra IUř'evna (Ed.). *The amazonian languages*. Cambridge University Press, 1999.
- DUARTE, Fábio Bonfim. *Diversidade linguística no Brasil: a situação das línguas ameríndias*. Caletroscópio, v. 4, p. 27-62-62, 2016.
- INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). *Terras Indígenas no Brasil*. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3846>. Acesso em: 22 julho de 2025.
- KAXINAWÁ, Joaquim Paulo de Lima. *Uma gramática da língua Hãtxa Kui (Kaxinawá)*. 2014. 262 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- LOOS, Eugene E. Pano. In: Dixon, R. M. W.; Aikhenvald, Alexandra Y. (Eds.). *The Amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 227–250.
- OLIVEIRA, Sanderson Castro Soares de. *Contribuições para a reconstrução do Protopáno*. 2014.
- PAULA, Aldir Santos de. *A língua dos índios Yawanawá do Acre*. Diss. Univ. Campinas, 2004.
- PAYNE, Thomas E. *Describing morphosyntax: A guide for field linguists*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- PEIXOTO, Jaqueline dos Santos. Os pronomes e seus traços em línguas da família Pano. *Revista Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 269-320, jan./jun. 2011.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. Edições Loyola, 1994.
- RODRIGUES, A. D. *Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas*. DELTA: Documentação E Estudos Em Linguística Teórica E Aplicada, 9(1). Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45596>. 2019
- VALENZUELA, Pilar M. *Documenting and describing under-described languages: Methodological issues*. 2003.